



Olegário González de Cardedal¹: carta a um professor amigo

Servando German Varela Moure²

Resumo: Educar é ajudar um outro a ser ele mesmo. Desafios à vocação educadora hoje: consumismo material e espiritual; crise dos valores originários da cultura; tecnificação do saber, desvalorização do fator humano. O cristão como educador: reconstrução da sua identidade e vocação.

Palavras-chave: educação; crise cultural; o cristão como educador.

Introdução

Sentido da carta

Esta carta quer responder a algumas preocupações profundas, especialmente às que se referem a uma re-descoberta do que é a atitude educadora originária e à relação entre ser, crer e agir, pois seria um vão intento que os educadores cristãos embarcassem em esforços de métodos, instituições e ações sem ter-se colocado a si mesmos essas perguntas simples mas sempre

¹ Olegário González de Cardedal nasceu em 1934 em Ávila, Espanha. Doutor em teologia pela Universidade de Munich, ampliou seus estudos em Oxford e Washington. É catedrático na Pontifícia Universidade de Salamanca, membro da Comissão Teológica Internacional e da Real Academia de Ciências Morais e Políticas. Foi colaborador de Xavier Zubiri e aluno do célebre teólogo alemão Karl Rahner. Através de toda sua obra, se manifesta uma sensibilidade especial para os problemas do homem de nosso tempo. É autor de *Teologia e Antropologia*, *Crise do Seminário ou crise de sacerdotes*, *Meditação teológica desde Espanha*, *Ética e Religião*. *Jesus de Nazaré*. *Aproximação à cristologia*, *Memorial para um educador com um epílogo para japoneses*, *O credo dos cristãos*, *O poder e a consciência* e *Elogio da azinheira*.

² Padre, orientador espiritual, integrante da Instituição Dalmanutá (Serviço de Direção Espiritual). Professor no ICR e no Instituto de Teologia Paulo VI da Universidade Católica de Pelotas.

fecundas: O que é educar? e Quem é um cristão?. **Como ser professor**, isto é, como **proferir** e como **professar** perante a inteligência e perante a liberdade do próximo para que nasça um saber que não seja mera informação ou poder, isto é, potência técnica ou dominação política, senão real possibilidade humana no amor e na responsabilidade?

Se o leitor que vai ter nas suas mãos estas páginas nunca se sentiu comovido nas suas entranhas ao ser perguntado por um jovem -com a palavra ou com o olhar- como ser verdadeiramente homem, não comece esta leitura. Pelo contrário, se tem sofrido essa dolorosa aflição de ter que ajudar os outros a ser humanos e não sabe como fazê-lo, então comece a ler, não para encontrar respostas, senão para esclarecer mais profundamente esta pergunta. Não seria pouca coisa se soubéssemos que carências padecemos, que esquecimentos ressecam nosso espírito ou que esperanças temos reprimidas nas cavernas interiores do coração!.

E precisamente disto se trata na educação: de ajudar a ser, nascendo aos poucos à luz, de fazer passar do seio materno da natureza em dependência e ignorância ao reino da verdade e da liberdade, que é o reino do espírito. Educar é possibilitar o nascimento do ser. Tarefa maternal e libertadora, que pressupõe entranhas fecundas e generosa liberdade de coração, que unicamente é possível quando existe luz e amor. Porque não se ilumina ao outro para o reter, senão para que o outro seja; isto é, ande seu próprio caminho e construa sua própria casa no mundo. I

A vocação educadora hoje: interrogações, desafios

A vocação educadora apresenta-se hoje para nós com mais beleza do que nunca, mas ao mesmo tempo com maior incerteza do que nunca, antes de tudo porque nossa sociedade prefere homens-coisa antes do que homens-pessoa, indivíduos consumistas em mansa e pacífica degustação dos produtos ou ideais que lhes são oferecidos, antes do que cidadãos vigilantes no posto da sua liberdade e decididos a escolher valores, protagonizar destino, criar experiências e esperanças novas, que saciem não os instintos primários de ter, gostar e poder, senão aqueles verdadeiros de ser, amar e servir com sentido no mundo e perduração no trans-mundo.

A crise de uma cultura ocidental que tinha reduzido o homem ao binômio: produtor-consumidor, guerreador que vence-guerreador vencido, trouxe consigo a quebra de quase todas as seguranças costumeiras sobre a verdade e a esperança do homem. E essa desconfiança e suspeita radical tem carcomido as bases de

todas as filosofias, de todas as políticas e de todas as religiões, em cujo seio se gerou e cresceu esse homem ocidental que com seu poder técnico e militar se impôs no mundo inteiro.

Por isso é tão difícil hoje educar. Difícil, quero dizer, quando se está convicto de que educar é algo mais do que transmitir saberes construídos, convicções impostas, legitimações ideológicas, fórmulas científicas, explicações de processos naturais. Como educar neste momento de crise dos pressupostos originários da cultura ocidental e da conseguinte desconfiança e rejeição do homem que essa cultura tem gerado? Que valores supremos hão de reger nosso esforço, e à luz de que estrelas nos orientaremos?

A estas questões caberia acrescentar outra, mais simples: **Quem vai ser no futuro o protagonista da educação:** o homem, o livro ou a máquina? Para o que é necessário o homem e a palavra viva numa cultura que já tem imprimido todos os seus saberes e que cedo os terá todos codificados em cifras e imagens? Mas, sobretudo: Quem vai ser o agente imediato da educação, seu programador e realizador: a pessoa, os grupos humanos com uma consciência de sentido e de valores chamados minorias cognitivas, a sociedade como mera agregação de indivíduos somados em seu voto como números, a máquina do Estado, os poderes econômicos ou ideológicos mundiais?

E, à luz destas perguntas, outras ainda: Como se é homem, como se chega a ser homem e como se permanece sendo homem? Na relação da palavra e do olhar, do tacto e do contacto, do apoio consciente e da distância consciente entre homem e homem, ou na relação muda entre homem e livro, entre homem e máquina? Podemos, com poder biológico e com poder moral, desincumbir-nos desta tarefa de ser humanamente homens e enquanto tais ajudar aos outros a emergir, crescer e permanecer homens, para ficar - como conseqüência dessa demissão- nas mãos da técnica in-misericordiosa ou da sociedade neutralizada?

Estas são as grandes interrogações que correm subterraneamente na consciência contemporânea e que, por sua vez, estão tornado problemática em teoria e difícil na prática a vocação educadora. Porque se, enquanto homens não sabemos quem somos, nem podemos oferecer uma identidade, sentido e esperanças humanas a aqueles que cada dia recebem nosso olhar e nossa palavra, nosso silêncio ou nossa distância: então somos radicalmente incapazes de educar homens, embora talvez possamos ajustar sujeitos humanos como máquinas perfeitas. Se não sabemos quem somos e não somos conscientes desta ignorância, projetaremos sombra e temor ao nosso redor. Se ao menos temo-

nos apercebido desse “não saber” e temos acolhido essa dor da incerteza, e sofremos como carências o que são carências e não as exaltamos como se fossem as novas riquezas, então ao menos saberemos discernir as ofertas que se façam para nós, e teremos capacidade crítica para distinguir o pão do que não é pão, e a água do que não é água, e nos deixaremos guiar pelo instinto para a fonte da água e para o celeiro do pão.

II

O cristão como educador, em busca de sua identidade

Não se pode ser educador hoje se não se tem descido até essas solidões da alma, onde se ouve o rumor dessas interrogações; e se não se tem subido às alturas da consciência histórica, onde se percebem os grandes dramas da existência humana, que deve escolher entre o sentido e a esperança por um lado, e o sem-sentido e a desesperança por outro. E, sobre esse pano de fundo de questões pessoais e de situações históricas que afetam a todos os humanos com anterioridade às suas opções religiosas, sociais ou políticas; sobre esse pano de fundo de questões lucidamente percebidas e corajosamente assumidas, **como ser educadores enquanto cristãos?**

Não é o primeiro de tudo ter teorias especiais, metodologias específicas ou instituições particulares, senão, antes de tudo, efetuar um **re-descobrimento da identidade cristã**, que acontecerá por uma dupla e simultânea via: um mergulho nas fontes geradoras e nutrícias da própria fé e uma comunicação com todas as instâncias criadoras de sentido, justiça e esperança que existem neste nosso momento histórico. Esta dupla função: busca de identidade e vontade de presença, eficácia e comunicação histórica se implicam mutuamente. Nosso grande poeta Juan Ramón Jiménez dizia que são necessárias raízes para voar e asas para se enraizar.

O homem cristão que queira hoje ser, pensar, agir e educar enquanto tal, sem hipotecar as liberdades dos seus alunos e sem desnaturalizar saberes que têm sua própria autonomia e não podem servir a fins estranhos, deverá realizar uma re-construção da sua existência pessoal desde a recuperação dos fundamentos dessa fé e desde uma apropriação crítica dos fundamentos de nossa cultura atual. Isto implica:

• ***A reconstrução da palavra viva e verdadeira***, humana e humanizadora, como uma água limpa que brota em silêncio da rocha. Unicamente quando tenhamos re-descoberto umas palavras limpas e virgens, nascidas de um coração pacificado que tende para a luz, para a verdade e para o amor, teremos a possibilidade da comunicação, e com isso, do surgimento tanto de um homem como de uma sociedade novos. A linguagem é o sangue do espírito, e esse sangue pode se desnaturalizar, sujar, envenenar e então o homem arrasta consigo sua própria morte. Quem nos der uma palavra nova, terá nos tornado homens novos. E quem nos der a palavra (a Palavra, o Logos!) nos torna homens sem mais. Por isso, em quem temos a Palavra temos a Vida, a única que é vida, no tempo e sem tempo, isto é, a verdadeira, e por isso a eterna.

• ***A reconstrução da experiência espiritual***, que conduz o homem para além dos instintos e dos instantes e, fazendo-o enraizar no eterno, o faz ser, ser pessoa, e sentir-se, na sua carne e no seu mundo, espírito: experiência que congrega a dispersão de nossos atos e de nossas faculdades na raiz única de nosso ser pessoal; experiência de nossa co-naturalidade com o Absoluto; experiência que funde assim o duro metal de nossa vida, deixando-o moldar-se desde a audiência e a obediência fieis, segundo o cunho do Santo Espírito.

• ***A reconstrução da consciência crente*** na qual o homem se percebe sendo desde Deus, sentindo manar a própria liberdade de dentro de si e percebendo a própria verdade, não no distanciamento e absolutização, senão na aproximação e resposta, porque o ser pessoal é verdadeiro precisamente na medida da sua des-absolutização e da sua relação ao outro; consciência crente do homem que tendo conhecido a Cristo, percebe com a sua percepção, sente com os seus sentimentos, olha o mundo com os seus olhos, faz e padece em ação, paixão e empatia permanente com o seu destino e com o seu evangelho.

• ***A reconstrução da responsabilidade*** cristã vivida antes de tudo como gratidão e resposta a quem tem nos chamado a um viver novo que nasce e renasce por sua vez na fiel audição, na real solidariedade, na dura permanência e no ativo protagonismo junto com os homens de uma geração, de uma sociedade, de uma terra e de um tempo. Responsabilidade

cristã que se entrança com as exigências do evangelho eterno, isto é, a experiência que na Igreja e sob a ação do Espírito Santo é possível a quem crê, e com as exigências de uma história muito concreta, que implica solidariedade e distanciamento, colaborações e críticas, riscos compartilhados e isolamentos inevitáveis.

Numa palavra, **o cristão necessita, primeiramente, ser;** depois, **saber do seu ser**, isto é, **da vocação com a qual foi agraciado**; reconhecer seu afazer histórico e, não em último lugar, assumir corajosamente seu fazer concreto. E não esqueça que só conhece quem ama; e só permanece na ação quem é sustentado pelo amor; por conseguinte, que só sabe da sua identidade cristã e só permanece fiel nas conseqüências históricas do evangelho, quem ama e acolhe o amor que lhe é oferecido por Deus, pelos irmãos que acreditam como ele, por todos os que compartilhem essa vocação específica.